



UM OLHAR SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: AS MULHERES DE *TUDO É RIO*, DE CARLA MADEIRA

Clara Alves Dezorzi Cruz¹, Nayara de Oliveira²

¹ Licenciada em Letras pela UniCesumar, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia pela Uninter, Campus Alfenas-MG, claradezorzi19@gmail.com

² Orientadora. Doutoranda em Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, campus Maringá-PR. Docente do curso de Licenciatura em Letras na UniCesumar. nayaraoliveiramga@gmail.com

RESUMO

Esta investigação centra-se na representação das identidades femininas na obra de Carla Madeira, escritora que se destaca na ficção contemporânea pelo lirismo de sua prosa e pela complexidade dos temas abordados. O estudo questiona os elementos distintivos de sua trajetória literária e como suas narrativas refletem questões essenciais da vivência feminina na contemporaneidade. A literatura, cada vez mais, abre espaço para vozes femininas antes silenciadas, permitindo que a experiência das mulheres seja narrada de forma mais realista, distante dos estereótipos perpetuados por autores masculinos. A crítica feminista ressalta que o acesso das mulheres à esfera literária foi historicamente limitado por fatores socioculturais patriarcais. Este estudo investiga a importância de mulheres reivindicarem seu espaço na literatura, destacando a contribuição de Carla Madeira nesse contexto. Parte-se da hipótese de que sua obra reflete criticamente as complexidades da sociedade brasileira contemporânea, oferecendo uma visão singular sobre as identidades femininas. A pesquisa busca validar ou refutar essa hipótese por meio de uma análise interdisciplinar, apoiando-se em teóricos como Pierre Bourdieu, em *A Dominação Masculina* (1998), e Joan Scott, em *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989). Assim, o projeto não apenas explora a obra de Carla Madeira, mas também estabelece bases teóricas para uma compreensão mais profunda de sua contribuição literária no cenário contemporâneo, destacando sua relevância para a representação feminina na literatura brasileira

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Identidade; Literatura de autoria feminina; Tudo é Rio.

1 INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea tem sido um espaço privilegiado para a exploração das questões de identidade e gênero, revelando as complexas dinâmicas de poder, subjetividade e resistência que atravessam as experiências das mulheres. No romance “Tudo é Rio” (2014), de Carla Madeira, essas questões são abordadas de forma contundente por meio das trajetórias das personagens femininas, cujas vidas são permeadas por tensões entre liberdade e opressão, amor e violência, desejo e sofrimento. A obra proporciona uma reflexão sobre os diferentes papéis sociais impostos às mulheres e os desafios que elas enfrentam na construção de suas identidades.

O romance acompanha a história de Dalva, Lucy e outros personagens que vivenciam relações marcadas por forte carga emocional e simbólica. Dalva representa um modelo de feminilidade associado à discrição e à profundidade emocional, enquanto Lucy, em contrapartida, encarna um arquétipo de liberdade sexual, sendo simultaneamente desejada e marginalizada pela sociedade. Ambas as personagens são construídas dentro de um contexto em que a violência de gênero e as estruturas patriarcais desempenham um papel central na definição de suas experiências.

Para compreender a representação das identidades femininas em “Tudo é Rio”, é necessário recorrer a abordagens teóricas que dialogam com a crítica feminista, os estudos culturais e os estudos de gênero. A teoria da dominação masculina de Pierre Bourdieu (1998) oferece uma leitura sobre as formas de violência simbólica e material que moldam a experiência das mulheres na narrativa. Além disso, as contribuições de Joan Scott (1995)



sobre gênero como construção social são fundamentais para entender as dinâmicas identitárias e os mecanismos de exclusão e opressão presentes no romance.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar como as identidades femininas são construídas e representadas no romance de Carla Madeira, discutindo as tensões entre subjetividade e imposição social, bem como as formas de agência e subversão que emergem na narrativa. A análise será conduzida a partir de uma perspectiva interdisciplinar, mobilizando referenciais da crítica literária feminista e dos estudos de gênero para compreender as camadas simbólicas e estruturais que compõem a obra.

2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

A literatura, como espaço de expressão cultural e simbólica, reflete as desigualdades de gênero historicamente construídas. O patriarcado, estrutura que permeia todas as esferas sociais, influenciou significativamente a produção e a recepção da literatura, delimitando espaços de fala e representatividade para mulheres escritoras. Como destacam Nelly Novaes Coelho (2000) e Regina Dalcastagnè (2012), a literatura brasileira, assim como a ocidental, em geral, foi predominantemente escrita, avaliada e canonizada por homens brancos, pertencentes à elite cristã heterossexual, resultando em uma visão do feminino frequentemente estereotipada e limitada. Essa marginalização da produção literária feminina reflete um contexto social mais amplo em que as mulheres foram historicamente silenciadas e excluídas dos espaços de poder e criação artística.

A exclusão das mulheres do cânone literário reflete uma estrutura de poder que marginaliza suas narrativas e restringe suas perspectivas. A pesquisadora Regina Dalcastagnè (ANO), em suas análises sobre a literatura brasileira contemporânea, aponta que a maior parte dos romances publicados no Brasil ainda é escrita por homens, tendo protagonistas masculinos e representando as mulheres de forma superficial ou secundária. Esse fenômeno reforça o papel da literatura como um campo onde se perpetuam desigualdades de gênero e de poder simbólico. Além disso, quando as mulheres aparecem como protagonistas, frequentemente são retratadas sob estereótipos que as vinculam à maternidade, à passividade ou à hipersexualização, restringindo sua complexidade enquanto sujeitos literários.

A presença feminina na literatura brasileira começou a ganhar espaço de maneira mais expressiva a partir do Romantismo, com escritoras como Nísia Floresta, que denunciou a opressão das mulheres em suas obras, como “Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens” (1832). No entanto, sua atuação foi pontual dentro de um cenário majoritariamente dominado por homens. Apenas no Modernismo, especialmente com Rachel de Queiroz, é que as mulheres passaram a ocupar posições de maior destaque no campo literário. A partir desse momento, escritoras como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Conceição Evaristo ampliaram significativamente as possibilidades de representação feminina na literatura brasileira, abordando temas como subjetividade, violência de gênero, desigualdade social e identidade racial.

Para compreender a evolução da literatura de autoria feminina, estudiosas como Lucia Zolin (2011) propõem uma classificação em três fases: a fase fêmea, a fase feminista e a fase feminina. A fase fêmea diz respeito à produção literária de mulheres que se limitam aos padrões impostos pelo patriarcado, sem questioná-los explicitamente. Essa fase compreende escritoras que, muitas vezes, reproduzem valores tradicionais e reforçam papéis sociais atribuídos ao feminino sem necessariamente tensioná-los. Já a fase feminista marca um rompimento com essas convenções, trazendo uma literatura engajada na denúncia das desigualdades de gênero, da opressão patriarcal e da necessidade de



emancipação das mulheres. Nesse período, escritoras como Carolina Maria de Jesus e Hilda Hilst produziram obras que subverteram as expectativas tradicionais sobre o papel da mulher na literatura e na sociedade.

Por fim, a fase feminina caracteriza-se pela apropriação de uma linguagem e de temas que refletem a subjetividade e a experiência feminina sem necessidade de uma oposição direta ao masculino. Esse momento é marcado por uma maior diversidade temática e estilística, permitindo que as escritoras explorem suas vozes singulares e suas múltiplas identidades, sem a obrigatoriedade de uma narrativa de contestação explícita ao patriarcado. Escritoras contemporâneas como Ana Maria Gonçalves, Jarid Arraes e Carla Madeira representam essa pluralidade de vozes femininas que transitam entre diversas formas de expressão literária.

Além das fases apontadas por Zolin (2011), é importante considerar a relação entre literatura e ativismo feminista. Escritoras como Conceição Evaristo e Eliane Potiguara, por exemplo, trazem para suas narrativas um olhar que articula gênero, raça e classe, desafiando o modelo universalista da literatura feminina branca e elitista. Essa diversidade na autoria feminina evidencia que a produção literária das mulheres não é homogênea, mas atravessada por diferentes experiências, contextos históricos e perspectivas políticas.

Dessa forma, a literatura de autoria feminina se apresenta como um campo em constante disputa e reconfiguração, refletindo os avanços e desafios das mulheres na sociedade. No caso de "Tudo é Rio", de Carla Madeira, essa discussão se torna central, pois a obra oferece uma representação complexa das identidades femininas, explorando suas contradições, vulnerabilidades e formas de resistência em um universo marcado pela violência e pelos desafios impostos pelo patriarcado. Por meio das personagens Dalva e Lucy, Madeira constrói arquétipos femininos que desafiam a normatividade de gênero e revelam as camadas de opressão e liberdade que coexistem na experiência das mulheres. Assim, a literatura de autoria feminina, ao mesmo tempo que documenta as dificuldades impostas pelo patriarcado, também se constitui como um espaço de resistência e subversão, ampliando as possibilidades de representação do feminino na literatura contemporânea.

Em suma, o papel da literatura de autoria feminina vai além da denúncia e da contestação: ele se desdobra na criação de novas possibilidades de existência e representação para as mulheres. Ao desafiar as estruturas tradicionais do cânone, escritoras como Carla Madeira ampliam o escopo da literatura brasileira e contribuem para a construção de um imaginário literário mais diversos e inclusivo.

3 IDENTIDADES EM CRISE NA PÓS-MODERNIDADE

A pós-modernidade, caracterizada por uma ruptura com os grandes sistemas de verdade e pela multiplicidade de vozes e discursos, trouxe consigo uma redefinição profunda das identidades. Em contraste com a modernidade, que via a identidade como algo estável e fixo, a pós-modernidade coloca a identidade como um campo fluido, instável e em constante transformação. Este processo de "crise" das identidades não se limita a uma mera desconstrução de antigas formas de ser e viver, mas se insere em um contexto de resistência e reconfiguração, em que movimentos sociais e culturais emergem para contestar as normas e as estruturas de poder vigentes. Assim, o conceito de identidade se torna um campo de disputa, onde questões de gênero, raça, sexualidade e classe social são constantemente revisadas e renegociadas, evidenciando a busca por representações mais autênticas e inclusivas. Nesse contexto, a crise das identidades na pós-modernidade



reflete tanto o conflito interno dos indivíduos em relação a si mesmos, quanto a luta coletiva contra os mecanismos de opressão e exclusão que definem e limitam as possibilidades de ser e existir.

3.1 SURGIMENTO DOS ESTUDOS CULTURAIS

Os estudos culturais emergem como uma disciplina acadêmica nos anos 1950 e 1960, inicialmente no contexto britânico, com o objetivo de investigar como a cultura popular e as práticas culturais cotidianas influenciam e são influenciadas pelas estruturas de poder, como classe, gênero e etnia. A formação dos estudos culturais está diretamente ligada à crise das abordagens tradicionais das ciências sociais e das ciências humanas, que não conseguiam dar conta das complexas interações entre cultura e sociedade no contexto pós-guerra e das mudanças sociais da época.

A origem dos estudos culturais, como campo acadêmico, está intimamente associada ao Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS), fundado em 1964 na Universidade de Birmingham, no Reino Unido. O CCCS foi pioneiro ao criar um espaço para explorar as interações entre cultura, classe social, poder e identidade. O diretor fundacional do CCCS, Richard Hoggart, é frequentemente citado como um dos pais fundadores dos estudos culturais, especialmente por seu trabalho “A Cultura do Pobre” (1957), onde analisava a cultura da classe trabalhadora e seus meios de expressão, como o rádio, o cinema e a música popular.

O trabalho de Raymond Williams, outro intelectual central para os estudos culturais, ajudou a consolidar a ideia de que a cultura não é apenas um reflexo da sociedade, mas também uma força ativa que molda a realidade social. Em sua obra “Culture and Society” (1958), Williams argumenta que a cultura está profundamente enraizada nas relações de poder e nas estruturas de classe, sendo um campo de disputa política. Para ele, a cultura deve ser entendida como algo dinâmico, em constante transformação, moldada pelas interações entre diferentes grupos sociais, e não como algo estático ou hierárquico.

Os estudos culturais se distanciaram das abordagens mais tradicionais, que viam a cultura como algo a ser estudado separadamente da política e da economia. Eles focaram em como os aspectos culturais, como a mídia, as práticas artísticas e a moda, têm um impacto direto na forma como as pessoas percebem e se posicionam na sociedade.

Stuart Hall, um dos mais influentes pensadores dos estudos culturais, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento dessa disciplina. Ele foi responsável por introduzir e popularizar conceitos chave sobre identidade e representação. Em sua obra “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (2000), Hall sugere que a identidade não é algo fixo ou essencial, mas uma construção social e histórica que está em constante transformação.

Hall considera a representação um conceito central nos estudos culturais, defendendo que ela não apenas reflete a realidade, mas a constrói, funcionando como uma forma de poder capaz de reforçar ou desafiar ideologias dominantes. O autor também destaca que, na pós-modernidade, a identidade torna-se fluida e múltipla, contrastando com a visão moderna de identidade fixa. Em um mundo globalizado, as pessoas se constroem a partir de diversas influências culturais, superando definições baseadas exclusivamente em nação, etnia ou classe. Nesse sentido, os estudos culturais criticam o essencialismo, argumentando que as identidades são construídas, performativas e contextuais. Raça, gênero, classe e sexualidade são categorias em constante negociação. Nesse bojo, Hall (2006) valoriza a diferença cultural como algo a ser reconhecido e não suprimido, entendendo a diversidade como essencial para compreender as relações sociais e seus conflitos.



O legado dos estudos culturais é vasto e continua a influenciar muitas disciplinas, como sociologia, comunicação, estudos de mídia, estudos de gênero e estudos pós-coloniais. Os estudos culturais, portanto, abriram caminho para uma compreensão mais complexa das relações entre cultura, poder e identidade, e ajudaram a articular uma crítica mais profunda às formas de dominação cultural.

A contribuição dos estudos culturais reside em sua capacidade de mostrar como as identidades culturais não são simplesmente transmitidas ou refletidas pela cultura dominante, mas são constantemente negociadas, contestadas e reconstruídas nas interações sociais, políticas e culturais. Além disso, essa disciplina permitiu que as questões de gênero, raça, etnia e classe fossem analisadas de forma interligada, reconhecendo a complexidade das experiências humanas e das formas de opressão.

3.2 A CRÍTICA FEMINISTA

A crítica feminista é uma perspectiva teórica e prática que analisa a opressão e a desigualdade de gênero, bem como as formas pelas quais as mulheres têm sido historicamente marginalizadas, silenciadas e subjugadas nas sociedades patriarcais. Ao longo do século XX e XXI, o movimento feminista se diversificou em várias correntes, e a crítica feminista tornou-se um campo de análise central nas ciências sociais, humanas e nas artes. A partir de uma análise das estruturas de poder e das normas sociais, o feminismo procura desconstruir as ideias preconcebidas sobre o papel das mulheres na sociedade e sua identidade. Vamos explorar algumas vertentes principais da crítica feminista, com base no trabalho de autoras como Lúcia Osana Zolin, que desempenhou um papel importante na análise crítica das relações de gênero e suas implicações na sociedade.

O conceito de patriarcado é central em muitos estudos feministas e refere-se ao sistema social, político e econômico em que os homens detêm a autoridade e dominam as mulheres. Esse sistema tem profundas raízes históricas e culturais e se manifesta em diversas instituições, como a família, o Estado, a religião e o mercado de trabalho. Para as feministas, entender o patriarcado é fundamental para compreender a subordinação das mulheres e como ela se perpetua ao longo do tempo.

Zolin (2011), em suas contribuições à crítica feminista, discute a persistência das desigualdades de gênero e como o patriarcado se manifesta de maneiras sutis e explícitas. Ela argumenta que a opressão das mulheres não se limita às ações dos homens, mas é sustentada por sistemas ideológicos que naturalizam as diferenças de poder entre os sexos. A construção social das normas de gênero — o que é considerado “masculino” ou “feminino” — desempenha um papel importante na manutenção desse status quo. A repressão da sexualidade feminina, o controle sobre os corpos das mulheres e a invisibilização das contribuições femininas à sociedade são algumas das formas pelas quais o patriarcado mantém o domínio masculino.

A primeira onda feminista (final do século XIX e início do século XX) foi focada principalmente em questões de direitos civis, como o direito ao voto. Embora tenha sido uma luta fundamental para a emancipação das mulheres, essa onda estava centrada em mulheres da classe média e branca. O objetivo principal era a conquista da igualdade legal e a eliminação das restrições impostas às mulheres em termos de participação política e acesso à educação.

Já a segunda onda feminista, que surgiu na década de 1960, foi mais ampla e englobou um conjunto diversificado de questões relacionadas à sexualidade, ao trabalho,



à reprodução e à vida familiar. Mulheres como Betty Friedan, com “A Mística Feminina”, e Simone de Beauvoir, com “O Segundo Sexo”, propuseram novas formas de compreender as desigualdades de gênero e questionaram a ideia de que a mulher deveria se limitar ao papel de esposa e mãe (Zolin, 2011). A crítica feminista passou a abordar o papel da mulher no capitalismo, com a reflexão de que a divisão sexual do trabalho era uma das principais formas de opressão, especialmente no que se referia à natureza do trabalho doméstico e à exploração da mulher dentro da estrutura familiar.

A crítica feminista também questionou a sexualidade das mulheres, o casamento e a maternidade, enfatizando a liberdade das mulheres para definir sua própria vida. Esse movimento de liberação feminina passou a desafiar as normas de gênero rígidas e a reivindicar o controle sobre seus corpos e escolhas reprodutivas.

A terceira onda feminista, que emergiu nas décadas de 1980 e 1990, introduziu uma abordagem mais inclusiva e complexa da questão de gênero. Ao contrário das ondas anteriores, que focaram principalmente em mulheres brancas e de classe média, a terceira onda destacou a importância de questões de raça, classe, sexualidade e identidade de gênero para a análise feminista. Essa onda reconheceu que a opressão das mulheres não ocorre de forma homogênea, e que mulheres de diferentes etnias, classes sociais e orientações sexuais vivenciam a opressão de maneiras diferentes.

A interseccionalidade, um conceito desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, é fundamental para essa fase do feminismo. A interseccionalidade propõe que as experiências de discriminação não podem ser compreendidas apenas através de uma única categoria (como o gênero, por exemplo), mas devem ser analisadas em termos de como várias identidades sociais e categorias de opressão (como raça, classe, orientação sexual etc.) se cruzam e afetam as mulheres de forma única. Isso leva a um feminismo mais inclusivo, que busca dar voz a todas as mulheres, especialmente aquelas que são marginalizadas dentro do movimento, como as mulheres negras, indígenas, lésbicas, trans e das periferias.

O feminismo pós-estruturalista se desenvolveu em diálogo com as ideias de pensadores como Michel Foucault e Jacques Derrida, desafiando noções fixas e universais de identidade e verdade. Nesse contexto, as feministas pós-estruturalistas argumentam que a identidade feminina não é algo dado ou natural, mas é construída socialmente, sendo sujeita a múltiplas interpretações e transformações. Autoras como Judith Butler em “Problemas de Gênero” (1990) propuseram que o gênero é performativo — ou seja, as pessoas não nascem com um gênero, mas o “fazem” por meio de suas ações e comportamentos. Isso desestabiliza a ideia de uma identidade fixa de gênero e abre espaço para novas formas de se entender a sexualidade e a identidade.

Por outro lado, o feminismo pós-colonial, representado por autoras como Chandra Talpade Mohanty e Gayatri Spivak, questiona o eurocentrismo que prevalecia no movimento feminista ocidental, apontando que as lutas femininas não são universais. O feminismo pós-colonial critica a tendência de ocidentais imporem suas perspectivas sobre mulheres de países do Sul Global, e reconhece que as experiências de opressão e resistência das mulheres nesses contextos são únicas, influenciadas por fatores como o colonialismo, o racismo, a pobreza e as políticas neoliberais.

Hoje, o feminismo continua a evoluir, com foco em questões contemporâneas, como a violência doméstica, o assédio sexual, a representação das mulheres na mídia e as lutas por direitos reprodutivos. A crescente visibilidade das mulheres trans e a luta por reconhecimento e direitos dentro do movimento feminista também são questões centrais.

No âmbito acadêmico, a crítica feminista influenciou profundamente várias disciplinas, como literatura, sociologia, psicologia, história e teoria política. Assim, a crítica



feminista ajudou a revisar textos clássicos, a revisar o cânone literário e a reexaminar as narrativas históricas que tradicionalmente negligenciavam ou distorciam as experiências das mulheres. Autoras como Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, bell hooks e Audre Lorde têm sido fundamentais para a construção de uma crítica feminista que não apenas desafia as estruturas de poder, mas também oferece novas formas de ver a experiência feminina e suas múltiplas dimensões.

4 IDENTIDADES FEMININAS EM “TUDO É RIO”

Em “Tudo é Rio”, a escritora Carla Madeira apresenta uma complexa e profunda investigação das identidades femininas, mergulhando nas angústias, escolhas e transformações vividas por suas personagens, especialmente a protagonista Dalva. A obra reflete sobre a condição feminina em um contexto de lutas internas e externas, onde as mulheres buscam, em um cenário de perdas e redefinições, um lugar de autoconhecimento e liberdade. As questões de gênero, poder e sexualidade se entrelaçam, revelando como as expectativas sociais e os papéis tradicionalmente impostos às mulheres muitas vezes limitam suas possibilidades de ser e de viver. Através das experiências de Dalva, Carla Madeira constrói uma narrativa que questiona o ideal de mulher, propondo uma reflexão sobre o que é ser mulher na contemporaneidade, especialmente à medida que o tempo e as vivências pessoais desafiam as normas estabelecidas. Assim, as identidades femininas em “Tudo é Rio” não são apenas representações de opressão, mas também de resistência, transformação e autonomia, ao passo que as personagens tentam se reconstruir e se reinventar em meio a um mar de expectativas e desafios.

4.1 A OBRA “TUDO É RIO”

A história é contada principalmente a partir da perspectiva de Dalva, uma mulher que, após a morte de seu marido, se vê sozinha em uma cidade grande, sem saber como continuar sua vida. O enredo se desvia das narrativas tradicionais de superação e busca de um novo amor. Ao invés disso, a autora se concentra na complexidade da experiência humana, abordando a solidão, a perda, a reconciliação com o passado e, sobretudo, a busca por um novo significado para a vida.

Dalva começa o livro vivendo no que parece ser um estado de estagnação emocional e existencial. Ela está em um momento de reflexão profunda sobre o que significa ser mulher, mãe, esposa e indivíduo. Após a morte do marido, Dalva se vê enfrentando a dor do luto, a culpa de não ter aproveitado sua relação de maneira mais plena e o vazio que a perda de um grande amor trouxe para sua vida.

O romance se desenrola através de uma narrativa que se move entre o passado e o presente, alternando entre os momentos da vida de Dalva antes da morte do marido e os eventos posteriores, quando ela tenta reconstruir sua identidade e lidar com as complexidades da vida sem ele.

A obra tem uma forte presença simbólica do rio, que vai além de um simples elemento natural. O rio não é apenas o cenário em que a protagonista mora, mas também funciona como uma metáfora central para os temas de fluidez, transformação e transitoriedade. O rio é o reflexo da vida de Dalva, que está em constante movimento e mudança, apesar de seus esforços para manter alguma estabilidade.



O rio também pode ser visto como um símbolo da memória e do tempo que escorre e não pode ser controlado. A ideia de que o rio leva tudo consigo, mas também traz algo de volta, serve como uma metáfora para o processo de luto de Dalva e sua tentativa de reconectar-se com sua vida e com as escolhas que fez. O movimento das águas reflete o que está acontecendo com a protagonista: ela se vê em um fluxo constante de emoções e sentimentos que, muitas vezes, não consegue controlar ou compreender totalmente, mas que está aprendendo a viver com eles.

Dalva não está isolada em sua jornada pessoal. Ela tem filhos e uma série de relações familiares que a influenciam ao longo de sua história. A relação com seus filhos é particularmente significativa, já que Dalva é uma mulher que, ao longo de sua vida, teve de equilibrar seu papel de mãe com a própria identidade. Ela observa, com algum distanciamento, como seus filhos lidam com a perda do pai e como suas próprias histórias e expectativas em relação a Dalva não correspondem ao que ela quer ou precisa para seguir em frente.

Além de seus filhos, Dalva também se depara com outras figuras no seu caminho, como o novo homem que aparece em sua vida, trazendo à tona questões de desejo, identidade sexual e a possibilidade de recomeço. No entanto, a protagonista não busca a relação romântica como uma forma de fuga de sua dor, mas sim como uma oportunidade de explorar novas formas de conexão e de autodescoberta. O relacionamento não se transforma em um clichê de redenção amorosa, mas é retratado de forma mais sutil e complexa, refletindo as inseguranças e as expectativas que Dalva tem sobre si mesma.

Outro aspecto importante da obra é a maneira como Dalva revisita o seu próprio passado ao longo do livro. Em meio à sua solidão e à reflexão sobre sua vida após a morte do marido, ela se vê obrigada a revisar suas escolhas, seus erros e o que a levou àquela situação. O processo de luto e de perda do marido a faz questionar se ela realmente viveu uma vida autêntica, se suas escolhas foram suas ou se foram moldadas pelas expectativas sociais e familiares.

Essas revisões do passado são feitas de maneira fragmentada, através de memórias que surgem no meio de suas reflexões e de suas experiências cotidianas. Dalva se encontra em um ponto de inflexão, onde as escolhas passadas não podem ser mudadas, mas ela tenta entender o que elas significaram e como elas a moldaram. Isso traz um certo tipo de reconciliação com o seu passado, pois ela começa a aceitar que as falhas e os erros fazem parte da jornada e que não há como voltar.

A busca de Dalva por uma nova identidade é um dos principais fios condutores do livro. Em muitos aspectos, o romance de Carla Madeira é uma reflexão sobre a identidade feminina e como ela pode ser construída, desconstruída e reconstruída ao longo da vida. Dalva, aos 50 anos, já vivenciou diversas transformações, mas o maior desafio de todos é o de entender quem ela é sem as amarras do casamento, sem o papel de mãe que a definiu por tanto tempo e sem a dependência emocional que ela desenvolveu ao longo dos anos.

Essa jornada de autodescoberta não se dá de maneira linear e tranquila. Dalva se depara com momentos de incerteza, frustração, mas também com momentos de profunda revelação sobre suas próprias necessidades e desejos. Ela aprende a se libertar das expectativas que os outros tinham sobre ela e começa a se permitir ser quem ela realmente é. No entanto, esse processo não é simples nem sem dor, e a protagonista experimenta uma série de altos e baixos ao tentar reconciliar sua identidade atual com as mulheres que ela foi em diferentes momentos da vida.

No final, “Tudo é Rio” não oferece uma solução simples para os dilemas de Dalva, nem uma conclusão de redenção completa. O romance está mais preocupado em refletir sobre as complexidades da vida, as escolhas que fazemos, os arrependimentos que temos



e a constante busca por significado. A obra é um convite à reflexão sobre o tempo, a memória e a identidade, e como todos esses elementos estão interligados.

O rio, como uma metáfora, reflete o fluxo da vida que nunca para que sempre segue em frente, apesar das perdas e dos obstáculos. Dalva, assim, se vê como parte desse fluxo, aprendendo a lidar com as águas turbulentas da vida e tentando encontrar a paz em meio à constante mudança.

4.2 AS PERSONAGENS DE “TUDO É RIO”

No romance “Tudo é Rio”, Carla Madeira constrói personagens densas, marcadas por conflitos internos e externos que atravessam suas existências, especialmente no que se refere à violência e à sexualidade. Esses temas são trabalhados de maneira a revelar as complexas dinâmicas de poder, identidade e o processo de autodescoberta, com particular foco em Dalva, a protagonista.

A análise das personagens com base nas teorias de Pierre Bourdieu e Judith Butler proporciona uma leitura profunda das questões relacionadas à violência simbólica e à sexualidade, ambos presentes de maneira intensa e multifacetada na obra.

Pierre Bourdieu (2002), em suas obras, discute amplamente as formas de violência simbólica que estão presentes em todas as esferas da vida social. Para o autor, a violência simbólica ocorre de maneira imperceptível, mas eficaz, através de estruturas de poder que são internalizadas e naturalizadas pelas pessoas. Essa violência não se exerce apenas através de coerção explícita, mas por meio de normas, regras e expectativas que moldam a identidade dos indivíduos, muitas vezes sem que eles se deem conta dessa imposição (Bourdieu, 2002).

Em “Tudo é Rio”, a violência simbólica está presente, principalmente, nas relações familiares e nas expectativas sociais sobre o papel da mulher. Dalva, a protagonista, ao longo da sua vida, foi moldada por um conjunto de normas que definem o que é esperado de uma mulher: a esposa submissa, a mãe dedicada, a mulher que se sacrifica pelo outro, mas que muitas vezes se anula em prol dessas construções sociais. A violência simbólica está no modo como Dalva se vê e no modo como os outros a veem, sempre dentro de um sistema de normas de gênero que limitam sua liberdade e sua identidade. 'Dalva tinha medo de tudo, mas principalmente medo de não ser o que achavam que ela devia ser' (Madeira, 2021, p. 57).

A relação de Dalva com o marido, por exemplo, embora inicialmente pareça uma relação de amor, está imersa em uma dinâmica de poder em que ele, mesmo sem intenções explícitas de controle, exerce uma certa dominação. A construção da figura do homem idealizado, que Dalva busca em sua memória, reflete como as mulheres muitas vezes se veem subjugadas a um modelo de masculinidade que é transmitido e perpetuado pelas instituições sociais, como a família, a religião e a cultura em geral. Essa internalização de um modelo de comportamento imposto pela sociedade é uma forma de violência simbólica que afeta a maneira como Dalva se relaciona com o mundo e com ela mesma. Conforme a autora, "o marido era o rio e ela, a margem. E as margens servem para conter, para dar sentido, mas nunca para ser" (Madeira, 2021, p. 115).

Além disso, a obra também aborda o impacto da violência simbólica em relação ao envelhecimento. Dalva, aos 50 anos, sente-se marginalizada pela sociedade, que muitas vezes impõe à mulher uma idade ideal para a maternidade, para o sucesso e para a sexualidade. Essa pressão sobre o corpo feminino e sobre o papel da mulher na sociedade representa outra forma de violência simbólica, que impacta diretamente a autoestima e a identidade da personagem.



A teoria de Judith Butler sobre a sexualidade e a performatividade oferece uma lente crítica poderosa para entender as questões de identidade sexual em “Tudo é Rio”. Butler, em suas obras, como “Problemas de Gênero” (2009) e “Corpos que importam” (2007), argumenta que a identidade de gênero não é algo fixo, mas uma performance repetida e socialmente construída, que se dá a partir de normas culturais e expectativas impostas pela sociedade.

Em “Tudo é Rio”, a sexualidade de Dalva é tratada com uma sensibilidade profunda, refletindo a tensão entre as expectativas sociais sobre o que é ser mulher e a sua busca pessoal por uma sexualidade que seja genuína e libertadora. Dalva, ao longo da narrativa, questiona sua sexualidade, especialmente após a morte de seu marido, quando ela começa a se reencontrar e a explorar novos aspectos de sua identidade. “Era uma Dalva que ele não conheceu, uma Dalva que a vida lhe deu de presente depois que ele a roubou” (Madeira, 2021, p. 143). A sexualidade, para Dalva, não é apenas um ato físico, mas uma construção complexa e fluida, que se liga à sua experiência de perda, de autoconhecimento e de desejo.

A ideia de performatividade de Butler é visível na forma como Dalva se reconcilia com sua sexualidade ao longo do romance. Ela não se vê mais como a mulher que se define unicamente pelo papel de esposa e mãe, mas começa a explorar suas próprias necessidades, desejos e anseios. Nesse processo de redescobrimto, Dalva experimenta diferentes formas de se relacionar com o sexo e com a intimidade. “Dalva aprendeu que o sexo não era um ato, mas uma jornada” (Madeira, 2021, p. 158). Sua experiência não é linear, nem completamente libertadora de todas as pressões sociais, mas é um caminho de resistência às normas de gênero tradicionais.

Outro ponto central sobre a sexualidade em “Tudo é Rio” é o fato de que Dalva, em seus cinquenta anos, não se encaixa nas expectativas da sociedade em relação à sexualidade feminina. O romance aborda a complexidade do desejo feminino na maturidade, que muitas vezes é invisibilizado ou desacreditado pela cultura dominante. A personagem não é simplesmente uma mulher que perdeu o desejo, mas uma mulher que busca redescobrir o que é o desejo para ela, sem as amarras de uma sexualidade imposta. Sua jornada é uma tentativa de entender e de se apropriar do seu corpo e do seu prazer, independentemente dos padrões estabelecidos.

Além disso, a relação de Dalva com os outros homens no livro também revela como a sexualidade e o desejo estão impregnados por normas sociais que moldam as experiências de prazer e de intimidade. O homem que aparece na vida de Dalva após a morte do marido não é visto como uma solução para os dilemas emocionais da protagonista, mas sim como um espaço de reconfiguração de sua própria sexualidade, onde ela não se vê como a mulher submissa ou a dona de casa tradicional, mas como alguém que tem o direito de escolher e vivenciar sua sexualidade sem culpa ou vergonha.

Tanto a violência simbólica quanto as questões de sexualidade em “Tudo é Rio” são abordadas como processos de resistência e autoconhecimento. A violência simbólica, que molda a identidade feminina de Dalva, é contestada ao longo da narrativa. Sua busca por um novo significado para sua vida, sua resistência a ser apenas o reflexo das expectativas sociais e de gênero, é uma forma de resistência à opressão simbólica. “Dalva não era mais a Dalva que o rio levou, mas a Dalva que a vida ensinou a nadar” (Madeira, 2021, p. 195). Dalva começa a questionar seu papel como esposa e mãe, e, ao fazê-lo, ela se liberta de algumas das amarras que a sociedade lhe impôs ao longo dos anos.

Da mesma forma, a sexualidade de Dalva é apresentada como uma construção pessoal e transformadora, que não está atrelada aos padrões tradicionais, mas à possibilidade de autodescoberta e reinvenção. O romance de Carla Madeira não apenas



narra a vida de uma mulher que enfrenta perdas e lutos, mas também a vida de uma mulher que busca encontrar o prazer, a identidade e a liberdade em um mundo que, muitas vezes, não permite que a mulher viva sua sexualidade de forma plena e autêntica.

Em “Tudo é Rio”, as personagens são complexas, e suas jornadas pessoais não podem ser compreendidas sem a consideração de como a violência simbólica e as questões de sexualidade moldam suas identidades. Usando as teorias de Pierre Bourdieu e Judith Butler, podemos entender que as personagens, especialmente Dalva, estão em uma constante busca por autoconhecimento e resistência às normas de gênero e identidade que, muitas vezes, são impostas pela sociedade. Essa busca é simultaneamente dolorosa e libertadora, e reflete a luta da mulher para definir quem ela realmente é em um mundo que tenta ditar quem ela deve ser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das identidades em crise na pós-modernidade e das identidades femininas em “Tudo é Rio” de Carla Madeira revela como os temas de violência simbólica, sexualidade e poder são centrais para a compreensão das experiências femininas contemporâneas. A obra de Carla Madeira reflete, de maneira singular, a complexidade das relações de gênero e a busca incessante por autonomia e reconfiguração da identidade feminina. As personagens, especialmente Dalva, encarnam a luta interna e externa contra as imposições sociais que moldam e limitam o ser feminino, propondo uma narrativa de resistência e transformação.

A partir das teorias de Pierre Bourdieu e Judith Butler, foi possível perceber como a violência simbólica opera nas relações de poder e como a sexualidade feminina, longe de ser uma categoria fixa ou natural, é uma construção social que está em constante processo de negociação e autodescoberta. A obra questiona os papéis de gênero impostos à mulher e desafia as normas e expectativas da sociedade patriarcal, ao mesmo tempo em que abre um espaço para o florescimento de uma sexualidade mais livre, fluida e autêntica.

Ao refletir sobre a crise das identidades na pós-modernidade, observamos como a construção de identidades individuais se tornou mais fragmentada, plural e permeada por conflitos internos. As identidades femininas, nesse contexto, tornam-se um campo de resistência e reinvenção, onde as mulheres, em suas diversas formas de ser e existir, buscam se libertar das amarras da violência simbólica e da opressão. O romance de Carla Madeira, ao focar nas questões universais da busca por identidade e liberdade, coloca as personagens femininas como agentes de sua própria narrativa, resistindo às forças que tentam impor limites ao seu desejo e à sua realização.

Em síntese, “*Tudo é Rio*” oferece uma reflexão profunda sobre o que significa ser mulher na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que expõe as complexas interações entre o individual e o social, o pessoal e o político, dentro de um cenário de crise das identidades que é, ao mesmo tempo, um campo de possibilidades. A análise das personagens e dos temas centrais da obra ilumina a importância da literatura como um espaço de questionamento, resistência e construção de novas formas de ser e de viver.



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Corpos que Importam: Sobre os limites materiais e discursivos do “sexo”**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kath. **Identidade e Diferença: A Perspectiva de Stuart Hall**. São Paulo: Editora Universidade, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil para a História**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MADEIRA, Carla. **Tudo é Rio**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Feminismo e Literaturas: Desafios e Contribuições**. São Paulo: Editora Hucitec, 2011.